

## AS CONTRIBUIÇÕES DOS ESTUDOS SAUSSURIANOS NA OBRA DE ÉMILI BENVENISTE

Thaynara Luiza de Vargas<sup>17</sup>  
Luisele Munekata de Castro<sup>18</sup>

### RESUMO

O presente trabalho visa mobilizar as teorias estudadas e difundidas por Ferdinand de Saussure e Émili Benveniste, a fim de verificar no que se equiparam e no que se diferem os estudos desses dois grandes linguistas tão importantes para essa ciência. Nosso principal objetivo consiste em apresentar como cada um deles tratou, em suas teorias, o objeto da Linguística. Do mesmo modo, buscamos verificar se e de que modo os estudos saussurianos contribuíram para que Benveniste concluísse sua obra.

**Palavras-chave:** Saussure; Benveniste; ciência linguística; teoria da enunciação.

### ABSTRACT

This dissertation proposes to mobilize the theories studied and disseminated by Ferdinand de Saussure and Émili Benveniste, in order to check on what is equivalent and what differ in the studies of two great linguists immensely important for this science. Our main objective is to exhibit how each of them, in their theories, has treated the object of linguistics. Likewise, we seek whether and how Saussurian studies contributed to Benveniste's conclusion of his work.

**Keywords:** Saussure; Benveniste; linguistic science; enunciation theory.

## 1. FERDINAND DE SAUSSURE - UMA CIÊNCIA DA LINGUAGEM

Ferdinand de Saussure, linguista suíço, começou seus estudos sobre a linguagem no século XIX. Nessa época, esses estudos limitavam-se à descrição de normas gramaticais, o que não conferia um estatuto científico. Desse modo, até o século XIX, temos o período chamado pré-saussuriano, uma vez que Saussure foi um “divisor de águas” nos estudos Linguísticos.

No século XX, em meados de 1916, após o falecimento de Ferdinand de Saussure, foi lançado o livro *Curso de Linguística Geral*. Esse livro reunia as anotações de alunos dos três cursos ministrados por Saussure e alguns manuscritos dele. Desse modo, temos um produto formulado por ouvintes, no título original “*Cours de Linguistique Generale*”, organizado por Charles Bally e Albert Sechehaye com a colaboração de Albert Riedlinger.

Apesar da singularidade desse livro, foi ele que conferiu à Linguística o estatuto de ciência. Saussure delimitou o objeto da ciência linguística e contribuiu muito para esse espaço

---

<sup>17</sup> Universidade Federal de Santa Maria; *e-mail*: thaynara.vargas@yahoo.com.br.

<sup>18</sup> Universidade Federal de Santa Maria; *e-mail*: luisele.munekata@gmail.com.

que a Linguística ocupa hoje. Assim, Ferdinand de Saussure é conhecido como o “pai da Linguística” no mundo ocidental.

O livro *Curso de Linguística Geral* apresenta algumas dicotomias amplamente conhecidas pelo público leitor de Saussure, são elas: língua (langue) x fala (parole); sincronia x diacronia; significado x significante; e sintagma e paradigma.

Para esse trabalho, nos interessa analisar a dicotomia Língua x Fala, proposta por Ferdinand de Saussure. Para ele, a língua é um fato social, que é compartilhado por uma comunidade de falantes de mesma língua e a partir disso, define o sistema de signos. Nas palavras de Saussure, a língua

(...) não se confunde com a linguagem; É somente uma parte determinada, essencial dela, indubitavelmente. É, ao mesmo tempo um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos. Tomada em seu todo, a linguagem é multiforme e heteróclita; (...) Ao mesmo tempo física, fisiológica e psíquica, ela pertence além disso ao domínio individual e ao domínio social (SAUSSURE, 1916, p. 17).

Nessa perspectiva, Saussure contrapõe o papel da fala, que para seus estudos foi desconsiderada, uma vez que é um fenômeno que se dá individualmente. Cada sujeito possui o seu modo particular de falar: por região, por idade, por escolaridade, entre outros aspectos que possam interferir na reprodução da fala.

Sendo assim, Saussure acreditava que para os estudos da Linguística era necessário determinar um objeto de comum uso por todos, nesse caso, a língua. Nesse sentido, o autor afirma que “a língua, não menos que a fala, é um objeto de natureza concreta, o que oferece grande vantagem para o seu estudo” (Saussure, 2012, p. 46).

Como fundador da Linguística como ciência, Saussure foi, também, quem definiu seu objeto: a língua. Nesse sentido, o linguista atribui

à língua o primeiro lugar no estudo da linguagem, [e] pode-se, enfim, fazer valer o argumento de que a faculdade - natural ou não - de articular palavras não se exerce senão com a ajuda de instrumento criado e fornecido pela coletividade; não é, então, ilusório dizer que é a língua que faz a unidade da linguagem. (SAUSSURE, 2012, p. 42)

Podemos dizer, então, que, para Saussure, a língua é o objeto principal, o mais importante, quando se estuda Linguística. Ademais, ele a classifica como “um todo por si” (ibid, p. 41), provando que a sua importância é tanta, que ela, sozinha, se sustenta a si mesma, que é completa em sua totalidade. É por isso que, nos estudos de Saussure, os sujeitos falantes de uma língua não são parte essencial para que se estude essa língua.

## 2. ÉMILI BENVENISTE - UMA TEORIA DA ENUNCIÇÃO

Entretanto, Benveniste estuda a Linguística por um viés que difere do de Saussure. Émili Benveniste foi um linguista nascido na Síria e naturalizado francês anos mais tarde. Viveu entre os anos de 1902 a 1976 e ficou conhecido pela sua expansão dos paradigmas linguísticos de Saussure. Sua principal obra, pela qual ficou conhecido, intitula-se “*Problèmes de linguistique générale*” (“Problemas de Linguística Geral” em tradução livre) e teve dois volumes, que foram publicados, respectivamente, em 1966 e 1974, aproximadamente 50 anos após o falecimento de Saussure.

Benveniste, diferentemente de Saussure, concebia a linguagem de um modo mais amplo, equiparando-a ao discurso. Desse modo, sua principal inquietação na obra de Saussure foi a abstração do sujeito nos estudos da linguagem, o que para ele era inconcebível, já que são os sujeitos que colocam os fatos da linguagem em prática.

Seus estudos baseiam-se numa “língua em movimento”, ou seja, ele trouxe para dentro da Linguística os estudos sobre a enunciação, uma vez que pensava que a língua não poderia ser estudada separadamente do homem.

Entretanto, sua obra ficou restringida aos aspectos verbais da língua, pelo fato de que ele considerou apenas a enunciação em um sistema de fala, em que os interlocutores dialogam verbalmente. Assim, conforme Rodrigues e Milani, essa visão de Benveniste acabou por excluir de sua obra teórica “qualquer aspecto comunicacional que não implique em formas linguísticas” (2015, p. 74).

Benveniste trabalha o conceito de linguagem como um instrumento de comunicação. Ao propor que a linguagem posta em ação configura-se no discurso, Benveniste chega a considerar que, nesse sentido de discurso, a linguagem

apresenta disposições tais que a tornam apta a servir de instrumento: presta-se a transmitir o que lhe confio - uma ordem, uma pergunta, um anúncio -, e provoca no interlocutor um comportamento, cada vez, adequado. [...] o comportamento da linguagem admite uma descrição behaviorista, em termos de estímulo e resposta, de onde se conclui pelo caráter mediato e instrumental da linguagem (BENVENISTE, 1976, p. 284).

Partindo dessa perspectiva, podemos afirmar que, para Benveniste, a linguagem não passa de um mero instrumento para que o homem se comunique. Ou seja, ele desconsidera a

teoria de Saussure de que a língua é “auto suficiente”, para considerar que ela vai depender do homem para funcionar. Assim, o autor afirma que

a linguagem está na natureza do homem, que não a fabricou. Inclinamo-nos sempre para a imaginação ingênua de um período original, em que um homem completo descobriria um semelhante igualmente completo e, entre eles, pouco a pouco, se elaboraria a linguagem. Isso é pura ficção. **Não atingimos nunca o homem separado da linguagem** e não o vamos nunca inventando-a. [...]. É um homem falando que encontramos no mundo, um homem falando com outro homem, e a linguagem ensina a própria definição do homem (BENVENISTE, 1976, p. 285 - grifos nossos).

Benveniste, então, vai considerar importante em seus estudos linguísticos a teoria da enunciação, baseado no fato de que a língua não pode existir sem um *eu* e sem um *tu*. Ou seja, para ele, a linguagem depende do sujeito para existir, pois é o homem que a porá em prática, fazendo-a funcionar, fazendo-a existir. E, de outro lado, é pela linguagem que o homem se constitui em sujeito, já que, por ser da natureza do homem, a linguagem é essencial para que surja um *eu* no homem. Benveniste (1976, p. 278) explica, ainda, que

as instâncias de emprego de *eu* não constituem uma classe de referência, uma vez que não há “objeto” definível como *eu* ao qual se possam remeter identicamente essas instâncias. Cada *eu* tem a sua referência própria e corresponde cada vez a um ser único, proposto como tal (grifos do autor).

Do mesmo modo, só pode existir um *eu* quando há um *tu*. Nenhum deles existe por si mesmo, ambos dependem um do outro para fazerem sentido na linguagem. Assim, o *eu* e o *tu* são constitutivos um do outro. Destacamos que essas posições são variáveis dentro de um contexto de conversação, sendo o *eu* individual e o *tu* podendo ser um ou mais. Conforme o autor (ibid., p. 286):

A consciência de si mesmo só é possível se experimentada por contraste. Eu não emprego *eu* a não ser dirigindo-me a alguém, que será na minha alocação um *tu*. Essa condição de diálogo é constitutiva da *pessoa*, pois implica em reciprocidade - que eu me torne tu na alocação daquele que por sua vez se designa por *eu*. Vemos aí um princípio cujas consequências é preciso desenvolver em todas as direções. A linguagem só é possível porque cada locutor se apresenta como *sujeito*, remetendo a ele mesmo como *eu* no seu discurso. Por isso, *eu* propõe outra pessoa, aquela que, sendo embora exterior a “mim”, torna-se o meu eco - ao qual digo *tu* e que me diz *tu* (grifos do autor).

Assim, a língua é posta em jogo no momento em que, no mínimo, dois homens estão falando. Quando o primeiro (tomemo-lo por interlocutor A) toma a palavra, o sujeito do *eu* é ele, ao passo que o *tu* serão todos aqueles para os quais ele discursa. Do mesmo modo,

quando outro (interlocutor B) for respondê-lo, ele passa a ser o sujeito *eu*, ao passo que o primeiro torna-se o *tu*. Assim, conforme Juchen (2008, p. 17), “*eu* e *tu* sofrem um duplo processo: de *eu* referente enquanto enunciado e de *eu* referido enquanto *tu* enuncia, assim sucessivamente. Pode-se dizer que *eu* e *tu* transitam entre os locutores nas instâncias de discurso porque se pressupõem.” Já o *ele* é considerado por Benveniste uma não-pessoa, já que este não “enuncia”, não “fala”, mas é alguém de quem se fala.

Desse modo, podemos notar o quão o homem e a fala são importantes para Benveniste, uma vez que sua teoria da enunciação baseia-se em situações de diálogo entre homens no mundo, sendo, assim, impossível para ele considerar a Linguística deixando de lado a fala ou o homem.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse trabalho, foi possível perceber algumas diferenças e semelhanças nas obras dos linguistas Ferdinand de Saussure e Émile Benveniste, ambos movidos pelo interesse acerca da linguagem. Ressaltamos a importância dos estudos contínuos linguísticos, pois, conforme Normand

Saussure deu os princípios, os temas e o método; Benveniste os aplicou em análises concretas que transformaram radicalmente (ou simplesmente enriqueceram) as descrições comparatistas. Por isso, Benveniste é o mais saussuriano dos lingüistas, uma vez que permitiu resgatar a partir de Saussure uma lingüística da significação... (NORMAND, 2007, p. 14).

Nas palavras da autora, “Benveniste é o mais saussuriano dos linguistas”, conferindo a ele o papel de estudioso de Saussure e, além disso, equiparando-os em qualidade de teorias. Desse modo, podemos afirmar que os estudos sobre a obra de Saussure influenciaram as teorias de Benveniste, uma vez que foi a partir de Saussure que Benveniste também tomou seu lugar como linguista.

Mais ainda: afirmamos que Benveniste, através da obra de Saussure, foi além: criou uma nova teoria, considerando aquilo que Saussure não focalizou: a fala.

Assim, de modo a refletir sobre a questão proposta para esse trabalho, percebemos que Ferdinand de Saussure e Émile Benveniste tratam o objeto da Linguística de forma diferente. Enquanto o primeiro, em seu papel de fundador da ciência, descarta de seus estudos a fala, por considerar que a língua “é um objeto que se pode estudar separadamente” (Saussure, 2012, p. 46), o segundo a considera essencial, pois conforme Juchen (2008, p. 19), para Benveniste, “a língua é referência – não ao mundo, mas à relação do sujeito com o mundo” e, conforme o

próprio autor, “é na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como *sujeito*; porque só a linguagem fundamenta na realidade, na *sua* realidade que é a do ser, o conceito de ‘ego’” (Benveniste, 1976, p. 286 - grifos do autor).

Assim, Saussure compreendeu a língua, deixando de lado a fala, enquanto Benveniste considerou a fala e, por consequência, o homem como partes essenciais de seus estudos Linguísticos.

Quanto às semelhanças em seus trabalhos, os dois autores-linguistas eram vinculados ao estruturalismo, sendo Saussure, considerado, também, fundador dessa corrente. O estruturalismo é caracterizado pelo estudo não só da língua, mas também da psicologia, da filosofia, da cultura entre outros. Salientamos que o estruturalismo não é uma escola específica, uma vez que seus autores, entre eles Saussure e Benveniste, não eram vinculados à nenhuma doutrina específica.

A partir das reflexões tomadas aqui, é possível, então, compreender o papel de Benveniste no processo da constituição da ciência linguística, uma vez que se apoiou em ombros de gigantes para ir mais além. E, assim, entendemos que esse linguista retirou Saussure de um lugar de divindade e encorajou outros linguistas a produzirem conhecimento linguístico e saírem da sombra da grandiosa obra de Ferdinand de Saussure, que ainda ecoa, mesmo após 100 anos do lançamento da obra que o consagrou como “pai da Linguística”, o Curso de Linguística Geral, e certamente permanecerá ecoando...

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENVENISTE, E. **Problemas de Linguística Geral**. Tradução de Mário da Glória Novak e Luiza Neri. São Paulo, SP: Editora Nacional, Ed. da Universidade de São Paulo, 1976.

COELHO, M. P.; HENRIQUES, S. M. **A fala em Ferdinand de Saussure: um conceito relacional, opositivo e negativo**. DOMÍNIOS DE LINGU@GEM (<http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem>)- v. 8, n. 1 (jan./jun. 2014) -ISSN 1980-5799

JUCHEN, A. **Saussure, Benveniste e o objeto da linguística**. Cadernos do IL, Porto Alegre, n.º 36, junho de 2008. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/cadernosdoil/>.

NORMAND, C. **Saussure-Benveniste**.; Tradução: Carmen Deleacil Ribeiro Nassar. Letras n.º 33 - Émile Benveniste: Interfaces Enunciação & Discurso. Sorbonne, Paris - França, 2007.

RODRIGUES, R. S. V.; MILANI, S. E. **O conceito de linguagem de Benveniste**. Mediação, Pires do Rio - GO, v. 10, n. 1, p.74-85, jan.- dez. 2015. ISSN 1980-556X (versão impressa)/ISSN 2447-6978 (versão on-line)

SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral.**; organização: Charles Bally e Albert Sechehaye; com a colaboração de Albert Riedlinger. Tradução de Antônio Chelini, João Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 28º ed. São Paulo, SP: Editora CULTRIX, 2012.

STUMPF, E. M.. **Saussure e Benveniste: ultrapassagem ou rompimento?**.ReVEL, vol. 8, n. 14, 2010. [[www.revel.inf.br](http://www.revel.inf.br)].